

# Crescimento da economia em 1996 foi de 2,9%

Taxa é modesta, mas está acima da média de 1,89% da última década. Renda 'per capita' aumentou no ano passado

• Embora a economia brasileira tenha se reaquecido no segundo semestre do ano passado, o Produto Interno Bruto (PIB), soma de bens e serviços produzidos no país, teve crescimento modesto em 1996. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou ontem que o PIB apresentou crescimento de 2,91% em relação a 1995, o que elevou em 1,52% o PIB *per capita* (renda que caberia a cada brasileiro se a distribuição fosse perfeitamente equitativa). Segundo estimativas informais dos técnicos do IBGE, o PIB de 1996 ficou em R\$ 752,4 bilhões. Um resultado que correspondeu a uma renda *per capita* de R\$ 4.764 no ano passado.

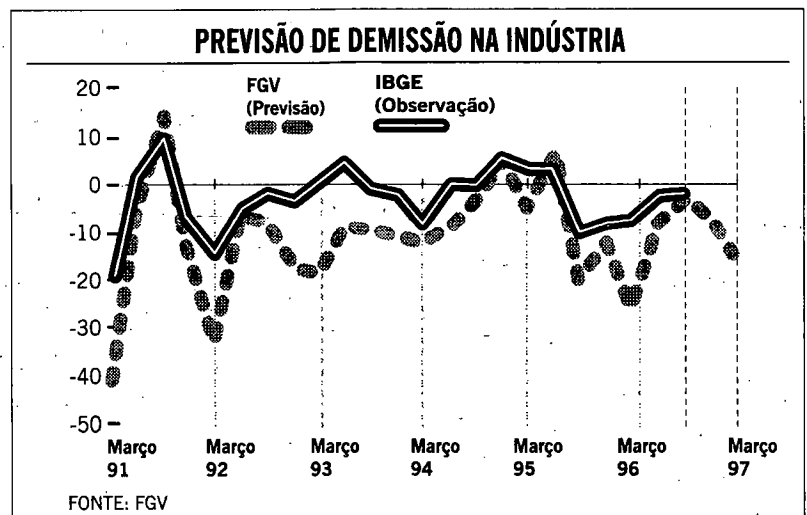
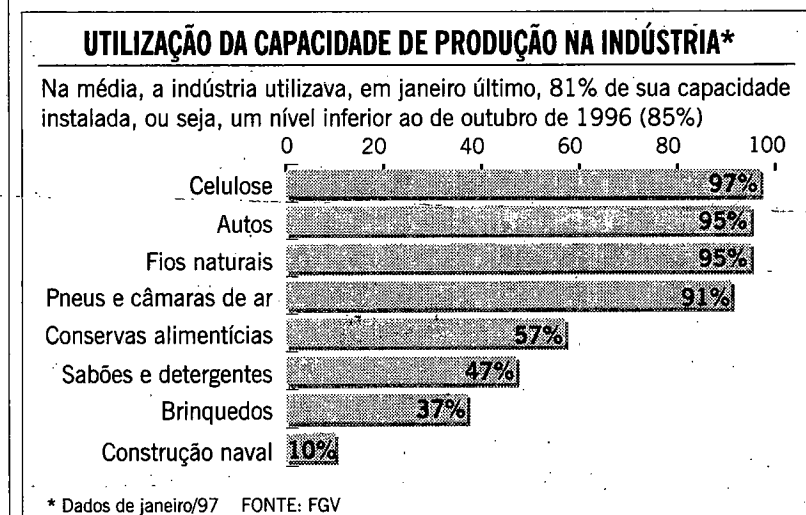
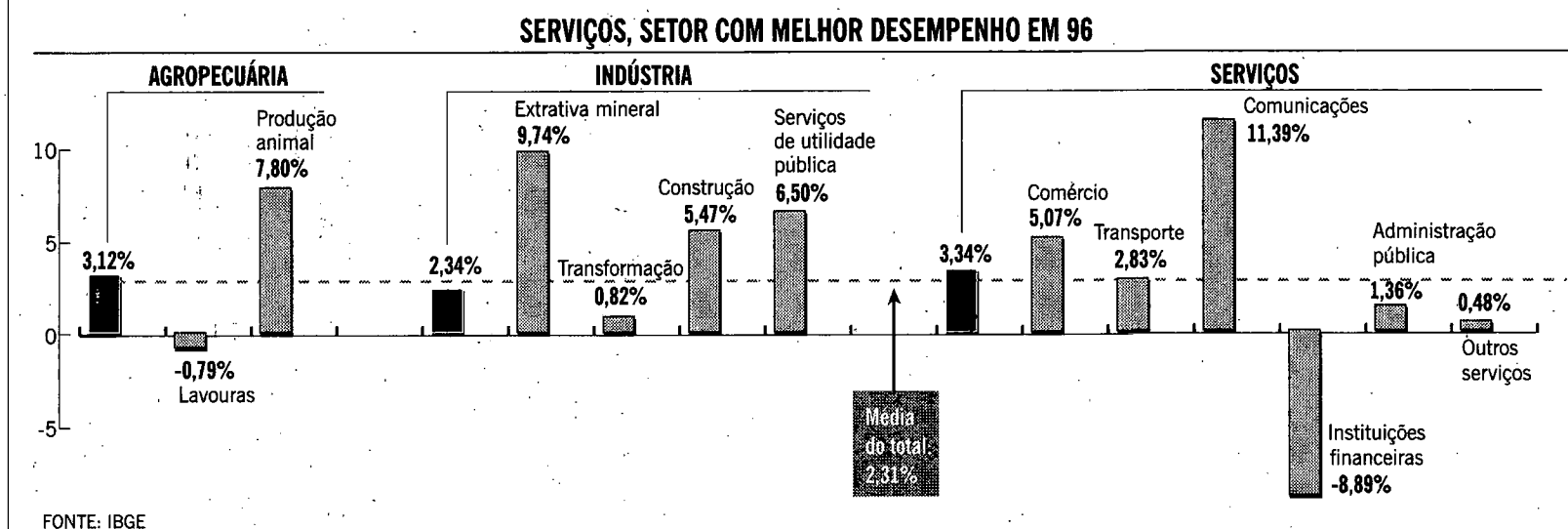
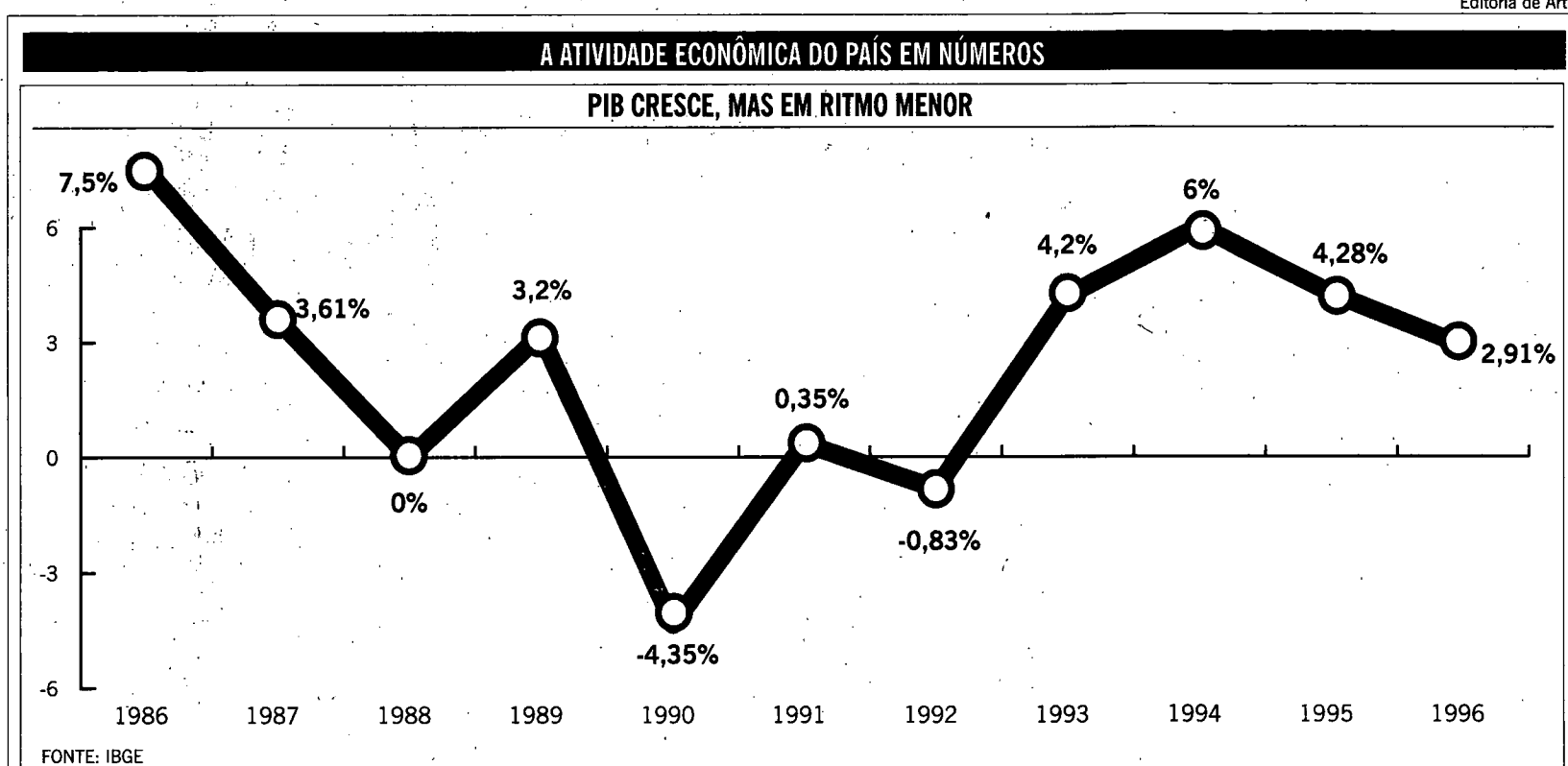
O crescimento da economia em 1996 acabou ficando abaixo da própria previsão do IBGE, que no mês passado fizera projeção de o país ter crescido 3,1% no ano. Segundo Heloisa Valverde, chefe do Departamento de Contas Nacionais do IBGE, isto aconteceu porque o desempenho da indústria de transformação no ano passado foi inferior ao esperado (crescimento de 0,82% contra uma projeção de 1%).

## Taxa de 96 superou a média anual dos últimos 10 anos

Embora moderada, a taxa de 2,91% do ano passado completa um ciclo de quatro anos de crescimento consecutivo do PIB e é superior à média registrada nos últimos dez anos. Nesse período a economia cresceu 20,56% ou 1,89% ao ano. A taxa também supera a média dos anos 90, de 1,74% anuais.

Segundo Heloisa, ao longo do ano passado a economia foi apresentando uma recuperação gradual, tendo fechado o primeiro semestre com uma queda de 0,09% em relação ao mesmo período do ano anterior. Os indicadores do IBGE mostram que a recuperação se deu basicamente nos segundo e terceiro trimestres do ano. No período julho/agosto/setembro, a economia chegou a crescer 2,71% em relação aos três meses anteriores.

No último trimestre do ano, entretanto, já houve uma desaceleração: o crescimento contra o trimestre anterior foi de 0,70%. Na comparação com o mesmo período de 95, a taxa sobe para 5,37%, mas é preciso levar em conta que a base de comparação era baixa. Embora a discussão do momento seja a necessidade de o Governo frear ou não a economia neste início de ano, Heloisa acha que o resultado de 96 não permite qualquer afirmação conclusiva sobre um aquecimento excessivo da economia.



parte, pelos ótimos desempenhos das lavouras de trigo (115,21%), café em coco (38,89%), laranja (11,21%) e cana-de-açúcar (6,88%). Olinto destaca, entretanto, que apesar da retração registrada, a safra brasileira ainda está em um patamar muito alto.

— O problema é a base de comparação: a safra de 94 foi exemplar e em 95 foi mantido o mesmo desempenho. Ainda assim, o patamar de 96 é alto — frisou ele.

No setor de serviços, a área de comunicações foi o principal destaque, mesmo tendo apresentado crescimento bem inferior aos 24,66% registrados em 95. Segundo Olinto, esse setor tem crescido muito por conta da utilização cada vez maior da telefonia, que se beneficia tanto da globalização, quanto da automação bancária.

O sub-setor de comércio foi o segundo que mais cresceu (5,07%). Em seguida, vem transportes, com uma taxa de 2,83%. Dos seis serviços pesquisados, o único que apresentou queda foi o setor financeiro. O IBGE apurou crescimento negativo de 8,89% para este segmento. Isto não quer dizer que as instituições tenham produzido menos no ano passado. É que por questão de metodologia, o instituto calcula o desempenho deste setor pelo volume de pessoal ocupado.

## Indústria extrativa mineral foi a que mais cresceu em 96

No setor industrial, somente a indústria de transformação teve desempenho ruim. Os demais segmentos apresentaram taxas de crescimento elevadas. A produção da indústria extrativa foi a que apresentou resultado mais alto: 9,74%. A construção civil cresceu 5,47% e os serviços de utilidade pública (leia-se água, esgoto e energia elétrica), 6,50%.

— Como não houve nenhuma grande expansão de rede, isto indica um aumento no consumo de energia industrial e comercial. O resultado também foi influenciado pelo consumo maior das classes mais baixas — disse Olinto.

A melhoria na distribuição de renda promovida pelo Real também foi sentida em outros setores industriais. Segundo Heloisa, aqueles que estão vinculados ao nível de renda pessoal e ao crédito foram os que mais se destacaram ao longo de 96. O segmento mobiliário, por exemplo, cresceu 13,73%; o de fumo, 12,49%; e o de produtos alimentares, 5,14%. Por outro lado, aqueles expostos à concorrência externa apresentaram resultados negativos: mecânica (-14,33%), têxtil (-5,80%) e vestuário e calçados (-3,41%).

— Seria uma loucura fazer previsão. Não sabemos se a desaceleração do último trimestre foi momentânea ou representa uma tendência. É preciso observar a demanda e outros indicadores, como o resultado da balança comercial — completou o coordenador do PIB, Roberto Olinto.

O IBGE não fez previsão para o

crescimento do país em 97, mas entre os economistas as taxas projetadas superam os 4%. Acredita-se também em um crescimento maior da indústria, justamente o setor que apresentou o pior resultado em 96, com uma taxa de 2,34%. De acordo com o IBGE, quem puxou a economia no ano passado foi o setor de servi-

ços (3,34%) e a agropecuária (3,12%), impulsionados pelo segmento de comunicações (11,39%) e pela pecuária (7,80%).

— O aumento do poder aquisitivo da população, principalmente das classes de renda mais baixa, fez aumentar o consumo de proteínas animais e laticínios. A pecuária cresceu muito. Já a ativida-

de agrícola não teve desempenho tão bom — explicou Olinto.

De acordo com o IBGE, a produção das lavouras foi reduzida em 0,79%, tendo as maiores quedas ocorrido nas culturas de algodão (-29,24%), cacau (-13,60%), milho (-11,85%), arroz (-10,61%) e soja (-9,51%). Estes resultados foram compensados, em grande